
Religião e Questões de Gênero: Mórmons, Poligamia e Invisibilidade

Adille Rigoni MASSIMINI¹

Andrey Albuquerque MENDONÇA²

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM SP

Universidade Metodista de São Paulo – UMESP

RESUMO

Neste artigo procuraremos compreender fatores que podem influenciar as práticas de determinados grupos de pessoas, especialmente nas relações de gênero. A relação entre religião e gênero tem sido estudada no Brasil sistematicamente, mas ainda são poucos os estudos específicos sobre a religião Mórmon e suas práticas. Por isso, esse artigo, como parte de nossa monografia de conclusão de curso em andamento, buscará conexões históricas e análises críticas que possibilitem uma visão, ao menos em parte, das questões de gênero que orbitam esse objeto de pesquisa – a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, os Mórmons.

PALAVRAS-CHAVE: Religião, Gênero, Mórmons, Poligamia, Invisibilidade.

INTRODUÇÃO

Este artigo é baseado em parte de uma pesquisa monográfica, que busca, na história dos Mórmons, identificar elementos que formaram hábitos desta comunidade que se manifestam, especialmente através do discurso, no consumo e nas relações humanas e são sustentados pelos meios de comunicação. Tendo isso em vista, identificamos que a questão de gênero é muito forte dentro do discurso oficial da Igreja, portanto aqui será discutido como este discurso, que tem como elemento principal a divisão de tarefas e os direitos e deveres dos homens e mulheres dentro da instituição, reflete no modo de viver deste grupo. Ainda analisaremos o impacto da poligamia - que foi previamente praticada pelos Mórmons - sobre as mulheres da Igreja.

¹ Graduanda em Comunicação Social pela ESPM-SP, e-mail: dillerrigoni.massimini@gmail.com

² Orientador da pesquisa, doutorando em Comunicação Social pela UMESP-SP e Professor da ESPM-SP, e-mail: andremendonca@yahoo.com.br

Tendo isto em vista, a pesquisa documental será de extrema importância neste processo, uma vez que nos ajudará a entender a história da Igreja e como estes aspectos históricos influenciaram na construção da imagem do Mórmon hoje, e também nos permitirá analisar o discurso da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Esta metodologia pode ser caracterizada pelo uso de impressos, registros audiovisuais, manuscritos, imagens sem modificações, ou qualquer material de apoio que contenha a informação registrada, podendo servir para consulta, estudo ou prova, independente do tempo percorrido desde a primeira publicação (LIMA, 2008).

Além disso, a pesquisa bibliográfica nos trará autores que possam sustentar a discussão proposta no artigo, através do embasamento teórico. De acordo com Lima (2008), a pesquisa bibliográfica é a consulta de diversas fontes de informação escrita, para reunir materiais genéricos e específicos sobre determinado tema.

Autores como Durkheim (1912), Ortiz (2001), Berger e Luckmann (1963) serão essenciais para entender o que é religião e o papel que esta desempenha na vida das pessoas. Quando pensamos na influência do Mormonismo na vida das mulheres, principalmente, na divisão de tarefas entre homens e mulheres e o papel que cada um tem na sociedade que vivem, Cornwall (1994) será de extrema importância para esta discussão. Para falarmos sobre a poligamia e como isto refletiu na vida das mulheres da Igreja tanto na época quanto nos dias de hoje, Embry (1984) poderá nos trazer embasamento teórico a respeito do assunto.

“Uma religião é um sistema unificado de crenças e práticas relativas à coisas sagradas, isto é, às coisas separadas e exclusivas – crenças e práticas que unem uma única comunidade moral chamada Igreja a todos aqueles que aderem à elas.” (DURKHEIM, 1912, p. 56, tradução minha). Tendo isso em vista, é importante ressaltar que não existe separação entre a ideia de religião e igreja, uma vez que a religião deve ser – acima de tudo – coletiva (DURKHEIM, 1912). Tal definição é muito distinta daquela empregada por Max Weber, que vê as religiões como uma espécie de “empresa de salvação de almas”. Ortiz (2001) ainda destaca que toda religião é um lugar de memória e identidade, que, ao reunir pessoas, oferece um “terreno e um referente comum no qual a identidade do grupo pode se exprimir” (ORTIZ, 2001, p.65). Analisando as crenças religiosas sob a perspectiva de que elas são “consciências coletivas”, elas unem aquilo que, antes, estava espalhado. (ORTIZ, 2001)

A religião é um importante fenômeno na sociedade ocidental, ainda que existam diferenças significativas entre o papel que ela desempenha nos Estados Unidos – onde ocupa uma posição importante na vida pública e continua sendo parte de mais de a metade da população do país – e na Europa – onde é possível observar menor participação popular na religião organizada quando comparado aos Estados Unidos (BERGER, LUCKMANN, 1963).

Todas as crenças religiosas, sejam elas simples ou complexas, pressupõem uma classificação de todas as coisas – reais ou ideais – em duas classes: sagrado e profano. O sagrado são as coisas protegidas e isoladas pelas proibições, enquanto o profano é tudo o que se aplica à estas proibições e deve permanecer relativamente distante daquilo que é sagrado. O mundo estaria, assim, dividido em dois campos, de um lado está tudo aquilo que é sagrado – não se restringindo somente a deuses ou espíritos, uma vez que qualquer objeto ou ritual pode ser considerado sagrado para um determinado grupo – que consiste nas regras de conduta que devem ser seguidas pelos homens quando estão na presença de um objeto sagrado e do outro está tudo aquilo que é considerado profano (DURKHEIM, 1912).

Essa divisão do mundo, para Durkheim (1912), é o traço definitivo do pensamento religioso. As coisas sagradas são normalmente consideradas superiores às coisas profanas e, particularmente, ao homem – quando este é apenas um homem que não tem nada sagrado em si – , portanto é pertinente pensarmos que estamos em uma posição inferior e dependente em relação a tudo aquilo que é sagrado. Não é possível que um homem pertença completamente a um desses mundos se não abandonar o outro por inteiro, portanto só é possível que ele se dedique completamente à vida religiosa, se abrir mão de todo o seu apego pelo mundo profano. A partir disso, deriva o que Durkheim (1912) chama de suicídio religioso, em todas as suas formas, porque a única maneira de fugir absolutamente da vida profana, consiste em, depois de tudo, abandonar toda a vida.

Para algo ser sagrado, é necessário mais do que ter algo subordinado a si, por exemplo, ainda que os súditos sejam subordinados ao seu Rei, não há nada de religioso nesta relação, portanto não existe sacralidade. Por outro lado, ainda existem objetos que, por mais que sejam sagrados, os homens não os tratam com um respeito extraordinário, uma vez que se sentem mais confortáveis em relação a eles, como por exemplo um amuleto (DURKHEIM, 1912).

Costumamos pensar que o sagrado e o profano não se relacionam em nenhuma situação, porque vemos o sagrado como algo que, por excelência, o profano não pode – e não deve – tocar sem receber uma punição por conta disso. Esse impedimento pode chegar ao ponto de tornar os dois mundos incomunicáveis, todavia se não houver relação alguma entre o profano e o sagrado, o último não teria utilidade. As crenças religiosas são representações que expressam a natureza do sagrado e as relações que discutem entre si ou com o profano (DURKHEIM, 1912).

Ainda segundo Durkheim (1912), ao mesmo tempo que os homens precisam de seus deuses, os deuses também precisam dos homens, pois sem oferendas e sacrifícios eles morreriam, podemos observar essa relação até mesmo nas religiões mais idealistas. O sentimento unânime dos fiéis – de todos os tempos – não pode ser meramente ilusório. As crenças religiosas estão apoiadas em uma experiência exclusiva cujo resultado é tão importante quanto aqueles obtidos em uma experiência científica, ainda que sejam diferentes.

A religião tem um papel sociologicamente central, visto que ela desempenha um decisivo papel para a construção e conservação de universos. Essa função da religião pode ser encontrada em todas as culturas, posto que a localização institucionalmente especializada da religião em igrejas ou órgãos análogos pode ser considerado raro na história (BERGER, LUCKMANN, 1963).

Foi necessário que a vida religiosa se sobressaísse de toda a vida coletiva para que os aspectos básicos da vida coletiva passassem a ser somente aspectos diversos desta. Considerando que a sociedade é a alma da religião, podemos concluir que a mesma foi responsável por originar o essencial da sociedade (DURKHEIM, 1912).

A maioria das grandes instituições sociais tiveram suas origens na religião, como por exemplo o pensamento – e, por consequência dele, a ciência – ou os aspectos morais e legais que também foram por muito tempo, e ainda são em alguns casos, influenciados pelos aspectos religiosos. Porém, para que estas questões religiosas tivessem força para influenciar as questões sociais, evidentemente foi necessária uma expressão desses valores por parte da população. (DURKHEIM, 1912)

O papel da religião institucional e especializada está desaparecendo nos processos fundamentais de legitimação, como é mostrado pela história recente da secularização do Ocidente e de suas sociedades. Porém, este não é o único problema relacionado à religião

institucionalizada. Existe também a chamada “emigração” e “privatização” consecutivas até mesmo da religiosidade tradicionalmente cristã em relação às igrejas, que foi um fenômeno importante na Europa. Por fim, um último problema, é a mudança de significados religiosos tradicionais até mesmo dentro das próprias igrejas, fenômeno que aconteceu principalmente nos Estados Unidos, mas que ainda pode ser observado na Europa (BERGER, LUCKMANN, 1963).

QUEM SÃO OS MÓRMONS?

De acordo com documentos publicados pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, sua história começou na primeira metade do século XIX, quando Joseph Smith Jr., aos 14 anos, começou a se questionar sobre diversos assuntos, entre eles, qual das tantas igrejas que pregavam naquela região estava correta, por isso, decidiu não se filiar à nenhuma delas. Diante desta situação, Joseph Smith, leu Tiago 1:5 “E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada” e decidiu orar em um bosque próximo à sua casa, onde viu Deus e Jesus Cristo, que lhe disseram que a Igreja correta não existia mais, portanto ele deveria esperar que sua resposta seria dada em breve.

Anos mais tarde, enquanto fazia orações em seu quarto, Joseph Smith viu um anjo chamado Morôni que lhe contou sobre um livro escrito em placas de ouro que falava sobre a origem dos antigos habitantes do continente americano. Morôni tinha sido o último a escrever nestes registros e havia escondido as placas no Monte Cumora – como havia sido instruído por Deus – junto às ferramentas chamadas Urim e Tumim, que haviam sido usadas por profetas antigos e poderiam ser utilizadas por Joseph Smith, uma vez que ele deveria traduzir estes registros para o inglês, porém ele não deveria mostrar estas placas a ninguém.

Em 1827, Morôni entregou as placas a Joseph Smith e lhe disse que o momento de traduzi-las havia chegado. Sua esposa, Emma Hale participou deste momento e, até mesmo, foi escrevente do Livro de Mórmon – um dos quatro livros sagrados adotados pela Igreja – por um curto período. Outro escrevente foi Martin Harris – um fazendeiro e amigo de Joseph Smith – que, enquanto ajudava com a tradução pediu que levasse as páginas já traduzidas para casa com o objetivo de mostrá-las a sua família e as perdeu, fazendo com que Joseph Smith

precisasse traduzir placas semelhantes que cobriam o mesmo período de tempo, porém contado por outro profeta, chamado Néfi. O terceiro escrevente, foi Oliver Cowdery, um professor que encontrou Joseph Smith e o auxiliou até o final da tradução do Livro de Mórmon.

Em 1829, Egbert Grandin, dono de uma gráfica, foi contratado para publicar o Livro de Mórmon e, para pagar esses custos, Martin Harris hipotecou sua fazenda. Em Março de 1830, o Livro de Mórmon foi colocado à venda. O texto do livro continua sendo o mesmo traduzido por Joseph Smith, em sua essência, e é o alicerce da religião, portanto é a fonte do testemunho de muitos Mórmons ao redor do mundo, além de ser a principal ferramenta utilizada no trabalho missionário, já que os não membros que estão conhecendo a Igreja sempre são convidados a ler e orar a respeito da veracidade deste Livro.

Em 1830, um homem chamado Brigham Young teve contato com o Livro de Mórmon e, após estudá-lo e ponderar sobre seu conteúdo por cerca de dois anos, decidiu aceitar as palavras contidas nele. Anos mais tarde, Brigham Young se tornaria um apóstolo da Igreja e, em seguida, o segundo Presidente da Igreja restaurada.

No mesmo ano, a Igreja foi organizada pelo Profeta Joseph Smith, que contou com a ajuda de seis homens para realizar a primeira reunião, que continha elementos que estão presentes até hoje em todas as reuniões, como por exemplo os hinos, oração, distribuição do sacramento – que é a distribuição de pedaços de pão e água, após serem abençoados –, testemunhos, confirmação pela imposição de mãos para receber o dom do Espírito Santo (um ritual sagrado realizado após o batismo). Tendo a Igreja organizada, Joseph Smith decidiu que estava na hora de ensinar sobre o Evangelho para outras pessoas e, quando saiu para pregar os ensinamentos de sua Igreja em Colesville, no Estado de Nova York, sofreu uma forte oposição e foi preso por conta disso.

Alguns meses depois, Oliver Cowdery e três outros jovens foram convidados a pregar as palavras do Livro de Mórmon e o que acreditavam para os índios. O que fez com que eles viajassem centenas de quilômetros, passando por diversos empecilhos até chegarem em Buffalo, no estado de Nova York, de onde seguiram viagem para Wyandotes, em Ohio e, por fim, chegaram aos índios que viviam no estado de Missouri. Entretanto, o lugar onde a Igreja teve maior sucesso de conversões foi em Kirtland, Ohio, e seus arredores, já que os missionários conseguiram batizar 127 pessoas entre os colonizadores da região. Esses novos

membros seguiram com o trabalho de proselitismo, o que fez com que a Igreja continuasse crescendo na região mesmo após a partida destes quatro missionários.

No início de 1831, o Profeta Joseph Smith afirmou ter recebido uma revelação de Deus pedindo que os Mórmons de Nova York se reunissem em Ohio, que é afirmado em Doutrina e Convênios 38:31-32 “E para que escapeis ao poder do inimigo, e vos unais a mim como um povo digno, sem mancha nem culpa – Portanto por esta razão vos dei o mandamento de que fôsseis para o Ohio; e lá vos darei minha lei e lá sereis investidos de poder do alto.” Isso fez com que a maior parte dos membros, cerca de 80 pessoas, saíssem de Colesville para seguir Joseph Smith até Ohio no mês de abril. Além destes membros, no início de Maio, mais 130 pessoas saíram de Fayette e Manchester – também no estado de Nova York – para irem à Kirtland e Thompson, em Ohio. Com isso, quase todos os Mórmons estavam reunidos em um único lugar, o que permitiu que eles fossem ensinados como um só grupo.

Ao final do ano de 1832 o profeta recebeu a revelação de que deveria ser construído um templo, o que se tornou prioridade da Igreja em Kirtland pelos próximos três anos. Muitos desafios foram enfrentados para que o Templo de Kirtland existisse, uma vez que a Igreja não tinha dinheiro nem os trabalhadores necessários para a construção. Quando o Templo de Kirtland ficou pronto, foi realizada uma cerimônia – que acontece até hoje após a construção de novos Templos – para dedicar o prédio a Deus, na qual os membros cantam hinos e é realizada a oração dedicatória.

De acordo com a Sala de Imprensa Mórmon, um site oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, onde são divulgadas as notas de assessoria de imprensa, estatísticas e outras informações sobre a Igreja e seus membros, hoje, existem cerca de 16 milhões de membros no mundo, sendo que mais de 6 milhões estão nos Estados Unidos, onde a Igreja foi fundada e tem sua sede instalada em Salt Lake City – capital do estado de Utah.

Na América do Sul, existem quase 4 milhões de Mórmons, destes, mais de 30% estão no Brasil. Isto faz com que o Brasil seja um país de grande importância para a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em questão de números, uma vez que é o terceiro país com o maior número de membros no mundo, o que fez com que a Igreja estabelecesse um escritório regional, na cidade de São Paulo, para facilitar – e deixar mais rápida – a comunicação da Igreja no Brasil com sua sede em Salt Lake City. Em São Paulo, também foi

construído o primeiro templo da América do Sul, além do segundo maior Centro de Treinamento Missionário do mundo.

Por outro lado, de acordo com o censo de 2010 do IBGE, existem 226.509 Mórmons no Brasil, dos quais, cerca de 99% vivem na área urbana, 54% são brancos e aproximadamente 53% são mulheres. A grande diferença entre os dados, provavelmente, se dá por conta do grande número de pessoas que são batizadas na Igreja, mas deixam de frequentá-la aos Domingos e de seguir os princípios, portanto deixam de se identificar como Mórmons.

RELAÇÕES DE GÊNERO NA COMUNIDADE MÓRMON

Ainda que as mulheres não sejam excluídas das comunidades religiosas por religiões patriarcais, tais como o Judaísmo e o Cristianismo, elas são silenciadas e atribuídas a uma esfera particular dentro desta comunidade (PLASKOW *apud* CORNWALL, 1994). Cornwall (1994) reproduz as ideias de Plaskow dizendo que não são as experiências das mulheres que foram consagradas ou que moldaram nossas formas culturais, por que quando as mulheres aparecem em textos masculinos, elas não são o sujeito ou modeladoras de suas próprias experiências, mas sim o objeto de propósitos, planos e desejos masculinos, além disso, elas não nomeiam realidades, mas são nomeadas como parte de uma realidade construída por homens, na qual as mulheres são consideradas o que ela chama de "Outras"³, por conta de suas diferenças que normalmente são entendidas como hierarquias - subordinados e subordinantes - , portanto estas mulheres podem estar presentes e serem silenciadas ao mesmo tempo, uma vez que a linguagem e os modos de pensar não expressam seus significados.

Não é fácil ouvir este silêncio, no caso das mulheres judias - que são o objeto de estudo de Plaskow - , elas não procuram por si mesmas na narrativa, mas assumem que estão presentes, personificando os espaços em branco existentes no texto com personagens femininas, mas que ainda não têm uma forma e pouco se sabe sobre elas. No caso das mulheres Mórmons, também acontece isso, porém no âmbito da hierarquia, uma vez que são utilizadas personagens femininas para preencher os espaços vazios existentes nesta hierarquia

³ De acordo com o dicionário Cambridge, "Other" significa adicional ou extra. Analisando de acordo com o Livro de Gênesis, o fato de a mulher ter sido criada depois do homem, faz com que ela seja vista como um ser inferior ou até mesmo subordinado ao homem.

presente na Igreja. Isso faz com que as mulheres tenham muita participação no nível da congregação, porém uma participação quase nula nos níveis mais elevados da liderança da Igreja. (CORNWALL, 1994)

O fato de a mulher ser considerada como "Outra" é o que perpetua essa desigualdade. Enquanto analisa os judeus, Plaskow ressalta que

o desafio para feministas judias é o "entendimento hierárquico das diferenças" que permeia a visão de mundo dos judeus. Essas feministas judias precisam buscar maneiras de criar uma comunidade a na qual a diferenciação não é hierarquizada e nem tolerada, mas genuinamente honrada. (PLASKOW *apud* CORNWALL, 1994, p. 240, tradução nossa)

Esta condição da mulher e a hierarquia é incorporada ao Mormonismo em partes por conta da importância que a Igreja dá à família e pela institucionalização da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que tem o gênero como principal característica pela qual são criadas a diferenciação e, depois, a hierarquização. (CORNWALL, 1994)

A maior evidência desta diferenciação criada pelo gênero é o sacerdócio, que para os Mórmons significa o poder e a autoridade de Deus na Terra e é dado apenas aos homens da Igreja acima de 12 anos. Além disso, através do sacerdócio, os homens encontraram seus lugares na hierarquia da Igreja e o dever de prover a exaltação às mulheres e crianças a quem estão selados.

Existem dois tipos de sacerdócio, o Sacerdócio Aarônico, que é aquele que os meninos recebem ao fazerem 12 anos e dá o poder de realizar apenas parte das tarefas designadas aos homens da Igreja, por exemplo, atuar como oficiante das ordenanças como o batismo, preparar e distribuir o Sacramento, e este é considerado um sacerdócio preparatório. Quando um menino faz 18 anos, ele recebe o Sacerdócio de Melquisedeque, que permite que ele conceda o dom do Espírito Santo, ou seja, confirme o batismo de um membro novo, dê bênçãos para pessoas doentes, cuide do bem-estar tanto temporal quanto espiritual de todas as pessoas, realize trabalho nos Templo para os vivos e mortos, além, de presidir e liderar a Igreja, atuando como Bispo, Presidente de Ramo, Presidente de Estaca, Setenta, Apóstolo ou até mesmo Profeta.

Durante os primeiros anos após a fundação da Igreja, as mulheres não tinham nenhum papel dentro da Instituição, portanto elas ficavam em casa enquanto seus maridos eram responsáveis por todas as funções tanto administrativas quanto de proselitismo. Isso começou

a mudar quando a Sociedade de Socorro foi organizada em Nauvoo por mulheres da Igreja com a finalidade de contribuir com a construção do Templo de alguma forma e depois, foi incorporada como uma organização oficial da Igreja pelo Profeta Joseph Smith.

Ao mesmo tempo que a fundação da Sociedade de Socorro marcou a entrada das mulheres na instituição, fazendo com que, a partir daquele momento, fosse possível que elas contribuíssem de alguma forma com o mormonismo, durante o processo de incorporação desta organização, o Profeta tirou parte da autonomia das mulheres e transferiu a ele (CORNWALL, 1994).

Apesar de as mulheres desempenharem um papel que é, de alguma forma, relevante nas congregações locais, uma vez que elas oram, pregam, dirigem e ensinam nos programas educacionais da Igreja como a Escola Dominical, Organização das Moças, Primária e a Sociedade de Socorro, além de organizarem as funções e encontros de membros, o sacerdócio ainda é exclusividade dos homens da Igreja, portanto elas não podem officiar ordenanças como batismos, confirmações e selamentos. Cornwall (1994) destaca que essas funções semanais e as famílias grandes fazem com que as mulheres tenham pouco tempo para questionar seu acesso ao poder organizacional e ao poder de decisão além do nível congregacional. Isso faz com que elas não percebam com tanta frequência que estão sendo silenciadas nos níveis mais altos da burocracia institucional.

Assim como todas as organizações, a Sociedade de Socorro é liderada por homens, de alguma forma, já que toda a liderança geral da Igreja é composta por homens. Isso faz com que a criação desta organização seja uma forma de reunir as mulheres, mas também é uma forma de subordiná-las ainda mais, já que elas devem responder a homens, mesmo dentro de suas próprias organizações (CORNWALL, 1994).

Os Mórmons acreditam que as relações familiares devem durar não só pela vida terrena, mas também por toda a eternidade, o que faz com que a família seja o que existe de mais sagrado para eles. Existe um documento publicado pela Igreja chamado "A Família: Proclamação ao Mundo" que fala sobre o modelo familiar considerado ideal e as responsabilidades de cada membro da família

Segundo o modelo divino, o pai deve presidir a família com amor e retidão, tendo a responsabilidade de atender às necessidades de seus familiares e de protegê-los. A responsabilidade primordial da mãe é cuidar dos filhos. Nessas atribuições sagradas, o pai e a mãe têm a obrigação de ajudar-se

mutuamente, como parceiros iguais. Enfermidades, falecimentos ou outras circunstâncias podem exigir adaptações específicas. Outros parentes devem oferecer ajuda quando necessário. (A FAMÍLIA: PROCLAMAÇÃO AO MUNDO)

Através deste documento, podemos analisar a questão de gênero presente no discurso da Igreja, uma vez que este reforça que o papel do pai é prover as necessidades do lar, tanto financeiras quanto espirituais, enquanto a mãe tem a obrigação de cuidar do lar e de seus filhos. Outro trecho de "A Família: Proclamação ao Mundo" ressalta que o casamento deve ser apenas entre homens e mulheres e os filhos devem nascer dentro dos laços de um casamento, enquanto os pais devem respeitar estes laços. Neste documento, está explícito que, de acordo com o discurso da Igreja, homem e mulher não desempenham tarefas iguais na família - e não devem fazê-lo, a menos que algo grave aconteça que necessite adaptação da esfera familiar - e isso evidencia a questão de gênero dentro da instituição religiosa.

No início da história da Igreja, os primeiros membros entenderam que o estabelecimento do Reino de Deus estava relacionado ao estabelecimento de grupos familiares - definidos exclusivamente pela ordenança do Selo, e não por fatores legais ou biológicos -, portanto o parentesco é o elemento central da religião, porém estas relações devem ser mantidas e criadas através do poder do sacerdócio. Porém, a ênfase na família e na liderança masculina, tanto no cenário eclesial quanto no familiar, é algo presente na Igreja até os dias de hoje e o parentesco, junto à ordenança do selamento, prepararam o terreno para que a unidade familiar se tornasse, hoje, a menor organização dentro da Igreja. (CORNWALL, 1994).

Os homens que são portadores do sacerdócio têm muitos deveres que devem ser cumpridos a fim de honrarem esta bênção, como prover o lar e as necessidades - tanto temporais como espirituais - da família, servir uma missão de tempo integral, abençoar os doentes, ensinar o evangelho, guardar a lei do dízimo e outros mandamentos, enquanto as mulheres devem apoiar o sacerdócio, ou seja, incentivá-los a cumprir estes deveres e têm sua participação restrita à congregação local. A Igreja ensina que apesar de os homens e mulheres desempenharem papéis diferentes tanto em casa, quanto na Igreja, esses papéis são igualmente importantes, uma vez que são vistos como complementares.

Se analisarmos os textos e discursos da Igreja, podemos notar que a maternidade e o sacerdócio são retratados como papéis paralelos para homens e mulheres. Enquanto os

homens recebem o poder do sacerdócio, as mulheres são mães, porém, assim como a maternidade não é o único papel no qual as mulheres se dedicam, o sacerdócio não descreve todos os deveres de um homem. Cornwall (1994) diz que essa tendência de igualar a maternidade ao sacerdócio indica uma divisão familiar e institucional do trabalho entre os Mórmons. O sacerdócio e a maternidade descrevem o relacionamento conjugal entre um homem ordenado no Sacerdócio de Melquisedeque e uma mulher, selados no Templo, com seus filhos. Além disso, o sacerdócio liga um homem à díade mãe-filho através de convênios religiosos, e essa relação faz com que o sacerdócio se iguale à maternidade, tornando os pais, as autoridades da menor organização da Igreja, a família (CORNWALL, 1994).

POLIGAMIA E INVISIBILIDADE FEMININA

A autoridade patriarcal de um homem é justificada pelo sacerdócio do qual ele é portador e pela ordenança do selamento, que também é conhecida como casamento eterno (COOPER apud CORNWALL, 1994). Por outro lado, a autoridade da mãe sobre seus filhos é natural, fazendo com que não seja necessário o poder do sacerdócio para exercê-la. Com isso, podemos concluir que o sacerdócio estabelece uma relação entre pai e filho através das leis de Deus, enquanto a maternidade estabelece a relação entre mãe e filho através das leis da natureza.

Apesar de o casamento plural ter feito parte da vida de uma pequena parcela dos Mórmons por cerca de 60 anos durante o século XIX, isso é algo muito comentado quando pensamos sobre a Igreja até hoje. Estima-se que apenas 15 a 20% dos Mórmons praticaram a poligamia, que foi abolida da Igreja, entre outros motivos, por questões e pressões políticas. Muitas mulheres da época lutaram pela abolição da poligamia dentro da instituição, alegando que a prática destruía a família e o papel exclusivo da mulher dentro dela, além de privá-las até mesmo das tarefas domésticas. Entretanto, as mulheres da Igreja se reuniram para combaterem essas opiniões populares a respeito da poligamia e apoiarem suas crenças. Esta discussão chegou ao congresso norte-americano, que abriu o caso para votação, mas quando as mulheres Mórmons foram impedidas de votar, elas deram força às manifestações e protestos, enviando representantes a Washington D.C. para lutarem a favor do casamento plural (EMBRY, 1984).

É possível desenhar três visões diferentes a respeito da prática da poligamia sobre as mulheres Mórmons. A primeira, como citada anteriormente, é a das mulheres que viveram no século XIX e consideravam o casamento plural uma influência degradante que destruiria o lugar da mulher. Por outro lado, mulheres modernas consideram que esta prática libertou muitas mulheres de papéis limitantes dentro da esfera familiar, uma vez que elas tiveram que lutar - e lutaram - pelo direito de seguir o que elas acreditavam. Por último, as mulheres que pertenciam à Igreja e faziam parte desta realidade entendiam a poligamia como um ritual sagrado que - ao invés de destruir - fortalecia a esfera tradicional e levava à salvação eterna (EMBRY, 1984).

Uma vez que a poligamia durou poucos anos dentro da Igreja, não é possível criar um estereótipo para as esposas de um casamento plural, já que não foram criadas regras ou tradições seguidas por todos os que praticavam a poligamia, portanto as famílias se adaptaram a fim de criar um ambiente que funcionasse para todos os membros. As mulheres Mórmons viam a poligamia como um princípio do casamento celestial e um mandamento de Deus. Porém, apesar de ser visto como um mandamento, a maior parte dos seguidores da Igreja considerava muito difícil de segui-lo, já que não estava de acordo com os princípios destas pessoas. Por isso, demorou para que as pessoas aderissem ao casamento plural e o fizeram apenas após serem convencidos de que, para atingirem o mais alto nível de glória, precisavam de um casamento celestial (EMBRY, 1984).

Em 1837, quando foi declarado que a poligamia era um ato criminoso em todo os Estados Unidos, a Igreja declarou que não seriam realizados novos casamentos dentro destas condições e os membros que insistissem em manter casamentos polígamos seriam excomungados. Por conta disso, alguns grupos se separaram da Igreja para continuarem seguindo o casamento plural, o mais famoso deles é A Igreja Fundamentalista dos Santos dos Últimos Dias (EMBRY, 1984).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre todos os motivos que levaram os Mórmons a aceitarem o princípio da poligamia, a principal motivação foi religiosa, uma vez que Deus falou através de seus profetas e os mandou seguir este mandamento. Foi desafiador para as primeiras esposas

acreditarem neste princípio, visto que até o momento elas eram únicas nas vidas de seus maridos e agora teriam que dividi-los com outras mulheres. Apesar dessa dificuldade, as esposas aceitavam o princípio por acreditarem ter a responsabilidade de cumprir o mandamento de Deus - porque caso não cumprisse, ela e seu marido seriam condenados por isso - e, de acordo com tradições extra-oficiais, a primeira esposa deveria dar permissão e aprovar o casamento de seu marido com outra mulher (EMBRY, 1984).

As famílias que viviam a poligamia dividiam as tarefas da mesma forma que se espera de famílias Mórmons atuais. O marido, que era um portador do sacerdócio, deveria prover suas casas financeiramente, enquanto as esposas cuidavam da casa - que poderia ser uma para cada esposa ou uma para todas elas, dependendo das condições financeiras de cada família - e dos filhos, ainda que elas trabalhassem, esse dinheiro deveria ser considerado como um ganho extra e não necessário para prover as necessidades financeiras da casa (EMBRY, 1984).

Portanto, podemos concluir que as famílias da Igreja, que foram adeptas do casamento plural, não viviam todas dentro de um padrão, posto que a poligamia durou poucos anos dentro da instituição e não é possível traçar um perfil para estas famílias. Ademais, as mulheres que viviam a poligamia enfrentaram mudanças financeiras, sociais, religiosas e em diversas áreas de suas vidas.

A principal questão sobre as mulheres Mórmons dentro da poligamia é que elas foram sustentadas pela fé, então, ainda que elas não concordassem totalmente com a situação que estavam vivendo, elas aceitavam esta condição por acreditarem que sua salvação eterna dependia disso. Quando pensamos sobre o sacerdócio também é possível afirmar que existe a possibilidade de algumas mulheres não concordarem com as condições que o sacerdócio impõe e com o dever delas de apoiá-lo, no entanto, elas têm fé nesta religião e acreditam que sua salvação depende disso, o que as impede de questioná-lo. Por outro lado, muitas mulheres estão sempre muito ocupadas com as tarefas relacionadas à família, à Igreja, e às vezes, até mesmo ao trabalho que não resta tempo para questionarem sua participação no sacerdócio.

REFERÊNCIAS

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. **A Família: Proclamação ao Mundo**. Salt Lake City, Utah, 1995.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. **Deveres e Bênçãos do Sacerdócio: Manual Básico Para Portadores do Sacerdócio, Parte A**. São Paulo, Brasil, 2001

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS. **Nosso Legado: Resumo da História de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias**. Salt Lake City, Utah, 1996.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **Sociology of Religion and Sociology of Knowledge**. *Sociology and Social Research*, v. 47, p. 417-427. 1963. IN ROBERTSON, Roland (comp.). **Sociología de la religión**. México: FCE, 1980.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro, RJ. 2010.

CORNWALL, Marie. **The Institutional Role of Mormon Women**. Salt Lake City, Utah, 1994 IN CORNWALL, Marie; HEATON, Tim B.; YOUNG, Lawrence A. **Contemporary Mormonism: Social Science Perspectives**. Paperback edition. The University of Illinois, Estados Unidos, 2001.

DURKHEIM, Émile. **The Elementary Forms of the Religious Life**. Free Press of Glencoe, edição 1, 1912 IN ROBERTSON, Roland (comp.). **Sociología de la religión**. México: FCE, 1980.

EMBRY, Jessie L. **Effects of Polygamy on Mormon Women**. University of Nebraska Press, Estados Unidos. *Frontiers: A Journal of Women Studies* Vol. 7, No. 3, Women on the Western Frontier (1984), p. 56-61

LIMA, Manolita Correia. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. – 2. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Saraiva, 2008

ORTIZ, Renato. **Anotações Sobre Religião e Globalização**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 16, n. 47, p. 59-72, outubro 2001